

**MODALIDADE DO RESUMO: EXPANDIDO**  
**ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DIVERSIDADE**  
**CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO: EXTENSÃO**

## **O USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA/SUPLEMENTAR (CAS) NO CONTEXTO EDUCACIONAL COM CRIANÇAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**José Paulo Gomes Teixeira<sup>1</sup>**  
**Priscila de Cássia da Silva Ramos<sup>2</sup>**  
**Orientadora: Rafaella Asfora<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, CE – UFPE e integrante do Programa de Residência Pedagógica no “Inclusão de estudantes com deficiência intelectual na sala de aula regular dos anos iniciais do ensino fundamental: fomentando aprendizagens” - E-mail: [jppedagom2015@gmail.com](mailto:jppedagom2015@gmail.com)

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, CE – UFPE e integrante do Programa de Residência Pedagógica no “Inclusão de estudantes com deficiência intelectual na sala de aula regular dos anos iniciais do ensino fundamental: fomentando aprendizagens” - E-mail: [pry8ramos@gmail.com](mailto:pry8ramos@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente/Pesquisadora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional – DPOE/CE – UFPE.  
[asforarafaella@gmail.com](mailto:asforarafaella@gmail.com)

### **Resumo:**

**Introdução:** O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) se apresenta como um déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental ao longo do desenvolvimento (NUNES, AZEVEDO e SCHMIDT, 2013). Uma escola que se pauta na diversidade, caminha na direção da eliminação de barreiras, promoção da acessibilidade e inclusão. Uma vez que as pessoas com TEA apresentam comprometimentos referentes à comunicação por apresentar impedimentos na comunicação, não oralizada e oralizada, evidenciada pelo déficit no uso da comunicação usual com seus pares, o uso do recurso de Comunicação Alternativa/Suplementar (CAS) será um recurso que facilitará o seu processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o uso da CAS vai apoiar a comunicação, oferecendo subsídios para suplementar, complementar ou construir um processo de comunicação (FRANCISCATTO et al, 2016). O desafio da escolarização de pessoas com o TEA está centrado nas formas de garantir a permanência e a aprendizagem dessas pessoas na escola regular e, conseqüente, inclusão. Os objetivos desta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética nº 66933317.9.0000.5208, foram: a) investigar o uso de comunicação alternativa, por crianças com TEA, no contexto educacional e b) propor intervenção para modificação da realidade escolar. Tal projeto faz-se de extrema importância, visto que, apesar dos avanços, a efetivação da inclusão

escolar de pessoas com deficiência colide com várias barreiras, dentre elas a atitudinal e a comunicacional. Sendo assim, tal estudo evidenciou a necessidade do envolvimento não apenas da família e da comunidade, mas também de profissionais de outras áreas, como terapeuta ocupacional e fonoaudiólogos, e ainda apontou a exiguidade de informações sobre deficiências e inclusão nos cursos de formação docente e na capacitação dos auxiliares/acompanhantes. **Metodologia:** Quanto ao procedimento metodológico adotou-se uma abordagem qualitativa com delineamento Pesquisa de Campo, pois para obter os dados foi necessário ir às escolas para realizarmos a coleta. O estudo foi realizado em escolas públicas e privadas da região metropolitana do Recife. Participaram do projeto 10 crianças com idades entre 6-8 anos e graus leves e moderados de autismo, atendidas na Clínica-Escola de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 10 professores de sala de aula, 9 acompanhantes pedagógicos das crianças e 10 pais/responsáveis dessas crianças. No primeiro momento foi realizada observação não-participante na Clínica-Escola e observação participante nas Escolas para conhecermos o uso da CAS. Tal procedimento foi realizado de forma controlada e sistemática como ressalta Ludke e André (1986), com registro das observações por meio da anotação escrita no caderno de campo. Posteriormente foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os pais/responsáveis, professoras e acompanhantes pedagógicos para conhecermos as concepções destes sobre o uso de CAS nas escolas e investigar se as escolas faziam uso de tais recursos. As entrevistas foram gravadas em um gravador digital de *smarthphone* e logo depois foram transcritas. Em seguida foi feita uma leitura geral dos textos-base e das respostas obtidas, a fim de estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. No terceiro momento foram realizadas orientações às professoras e auxiliares/acompanhantes pedagógicos quanto ao uso da comunicação alternativa no contexto escolar, por meio de agendas visuais, rotina de sala de aula, seleção do vocabulário da criança e confecção de pranchas de CAS, além da produção de oficinas para construção de material, ministradas pela professora orientadora do projeto de extensão. Tais atividades foram realizadas para possibilitar mudanças na realidade das escolas, no que tange a superação da barreira comunicacional e atitudinal. **Resultados e Discussão:** Os resultados apontam, de modo geral, para um desconhecimento dos profissionais da educação sobre o uso de recurso de CAS no âmbito escolar. Alguns familiares conhecem os benefícios da CAS para seus filhos no âmbito da clínica-escola, mas desconhecem o papel da escola na promoção da acessibilidade comunicacional. Neste sentido, percebe-se que falta assessoria para os pais e profissionais das escolas, bem como o pouco interesse de alguns, enquanto, por outro lado, outros possuem interesse, mas não sabem a quem recorrer. Quando começamos a realizar a utilização da CAS nas escolas, foi o momento em que os educadores mais se mostraram empenhados em promover a acessibilidade comunicacional. As ações realizadas, possibilitou aos pais e ao corpo escolar a compreensão da importância da CAS para a acessibilidade comunicacional das crianças com TEA e a relevância para o processo de ensino-aprendizagem. A inclusão escolar pode tornar-se concreta quando as barreiras são reconhecidas e a busca para extirpá-las, mitigá-las é nutrida. Para isto, a informação é uma das principais ferramentas, pois possibilitam que os indivíduos (re)pensem suas práticas, muitas vezes, excludentes, e se

posicionem de forma a reconhecerem, respeitarem e valorizarem toda a diversidade presente nas escolas. Salienta-se a importância da realização de formação continuada que atenda a demanda específica de cada comunidade escolar e a construção de parcerias entre a educação e profissionais de diferentes áreas como fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, dentre outros. A principal dificuldade que enfrentamos foi a não abertura de algumas escolas para que realizássemos o estudo. Para Reily (2004), o trabalho com os sistemas de CAS transformam a passividade em movimento e autonomia, os/as alunos/alunas passam a expressar seus desejos, vontades, gerando uma mudança de paradigma e isso dá trabalho. **Conclusão:** Foi possível apreender durante o período da pesquisa que a exiguidade de discussões aprofundadas sobre deficiências, acessibilidade e inclusão nos cursos de formações docente e formação continuada acabam por debilitar as práticas inclusivas dentro do espaço escolar e corroborar paradigmas e preconceitos contra a PcD. De modo inquietante, no estudo bibliográfico introdutório foram encontradas realidades, em nível nacional, não tão distintas da realidade evidenciada nesta pesquisa, e estas tendem a se perpetuarem quando não abrimos espaço para as discussões, estudos e pesquisas sobre a aprendizagem e desenvolvimento das pessoas com deficiências, acessibilidade e inclusão dentro dos cursos de formação de profissionais da Educação e/ou ignoramos a importância da temática nas grades obrigatórias dos cursos de licenciaturas. Como exemplo, temos o curso de pedagogia na UFPE que possui em sua grade curricular apenas uma disciplina obrigatória sobre os Fundamentos da Educação Inclusiva e uma sobre os Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ambas com carga horária de 60 horas.

**Palavras-chave:** Comunicação Alternativa/Suplementar; Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista.

#### **Referências:**

- NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013.
- DUARTE, Rosália. A entrevista em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**. Curitiba: Editora UFPR. 2004. Nº 24. p. 213-225.
- FRANCISCATTO, Roberto et al. SCALA–Sistema de Comunicação Alternativa para Letramento de Pessoas com Autismo: implementação de um sistema de busca avançada. In: **XI Congresso de Tecnologia en Educación y Educación en Tecnología (TE&ET 2016)**. 2016.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.